

**Os
Sonhos
da Rainha**

99 491099

200002

02

Sonhos de D. Bosco
(4)

Os Sonhos da Rainha

Tradução e compilação
de GABRIEL BOSCO, S. D. B.



Centro das Edições Salesianas
P O R T O

(Com aprovação eclesiástica)

Gráf. Santa Clara—Vila do Conde

Os sonhos de D. Bosco

nas Edições Salesianas

Entre a volumosa literatura de D. Bosco, figura a narração dos seus sonhos.

E pode considerar-se este capítulo como o mais sugestivo e ameno, e ao mesmo tempo mais salutar para as almas.

Eis por que as Edições Salesianas empreenderam a sua publicação por assuntos, tornando assim mais fácil a sua aquisição e divulgação.

Nesta altura estão já publicados:

- I — A escada da glória
- II — Cilada fatal
- III — À espera da felicidade
- IV — Os sonhos da Rainha
- V — A virtude dos heróis (a seguir)

O presente volume, «Os Sonhos da Rainha», referem-se a Nossa Senhora, e sem dúvida é neles que mais se manifesta toda a ternura

e poder da Rainha do Céu, não só com D. Bosco, mas também com todos os seus devotos, e, podemos dizer, com todas as almas.

O estilo é simples, sem atavios ociosos e inúteis, para todos poderem compreender e aproveitar. Esta falta é compensada com grande vantagem pela vivacidade e colorido dos pormenores e das imagens, altamente sugestivos e impressionantes.

Vê-se nestes sonhos a iluminação celeste a desvendar segredos dos corações e a apontar-lhes caminho seguro e fácil. Entre esses caminhos, temos, no opúsculo de hoje, a brilhar com especiais cintalações de amor maternal, a devoção a Nossa Senhora. Os mais tristes ou desesperados, como os sedentos da mais alta espiritualidade, aqui encontram conforto e asas.

Amemo-La, façamo-La amar, penetremos mais e mais na intimidade do Seu Coração de Mãe Celeste, e a salvação e santificação das almas estão asseguradas.

Com este fim, publicamos este livro.

Com este fim, as almas com ardente devoção a Maria o divulgarão.

Festa da Natividade de Nossa Senhora

8 de Setembro de 1957

O VELHO MOINHO E A INUNDAÇÃO

D. Bosco sonha que se encontra em Castelnuovo de Ásti. Os seus alunos divertiam-se num grande prado, quando, de repente, ele vê a planície transformar-se num imenso lençol de água, que subia a cada instante. O rio Pó saía bruscamente do leito e ameaçava submergir tudo sob as suas ondas tumultuosas. E D. Bosco contou assim:

Do moinho para o barco

Tomados de pavor, dirigimo-nos a toda a pressa para um moinho abandonado, cujas espessas paredes lembravam as duma fortaleza. Juntamo-nos numa dependência interior, mas as águas aproximam-se e forçam-nos a subir as escadas, donde medi-

mos então toda a extensão da catástrofe: as colinas em volta não eram senão um lago imenso, cobrindo todos os prados, campos cultivados, hortas, bosques, aldeias e até as cidades.

A água continuava a subir e obriga-nos a escalar os degraus superiores. Eu animo os meninos e aconselho-os a colocarem toda a sua confiança nas mãos de Jesus e Maria.

Bem depressa a água atinge o último degrau. O pavor apodera-se de nós. Como escapar ao terrível cataclismo? Apenas um meio se nos apresenta: uma jangada enorme que aparece à vista e nos traz a salvação. Infelizmente, um muro impede que ela se aproxime, e nós somos obrigados a lançar entre a jangada e a janela do moinho um tronco de árvore comprido e estreito, para servir de ponte. A passagem torna-se ainda mais perigosa, tanto mais que a jangada baloiça continuamente, sacudida pelas vagas.

Eu encho-me de coragem e passo em primeiro lugar. Para tranquilizar os meninos, mando que alguns padres lhes dêem a mão. Coisa singular: bem depressa esses

sacerdotes caem cansados, bem como aqueles que os substituem.

Castigo das desobediências

Vou em seu auxílio, e bem depressa também uma grande fadiga me toma, de modo que só a muito custo consigo manter-me de pé. Durante este tempo, alguns jovens, ansiosos de se verem seguros na jangada, servem-se duma prancha, fazem uma ponte um pouco mais larga do que a nossa, e sem auxílio dos padres e não fazendo caso dos meus avisos, aventuraram-se por ela. Muitos perdem o equilíbrio e desaparecem na voragem das águas agitadas e lodacentas. Por fim, a prancha parte, e muitos caem à água.

Entretanto, a jangada sobe com a enchente das águas e já pode ultrapassar o muro que a impedia de se aproximar do moinho, e vai encostar mesmo à janela donde saía o tronco da árvore. Então, o P. Cagliero, com um pé sobre o rebordo da janela e outro sobre a jangada, ajuda os restantes meninos a passarem para a embarcação.

Ainda não estão todos salvos, porém. Muitos subiram para o sótão e de lá passaram para o telhado, onde se mantêm apertados uns contra os outros. A inundação não cessa de subir e já atingiu as telhas. Na verdade, estes pobres jovens estão numa situação bem crítica. Exorto-os a conservarem todo o sangue frio e grito-lhes que desçam, dando o braço uns aos outros para não escorregarem.

Eles obedecem e com o auxílio dos companheiros, entram para bordo. Neste momento, vejo num canto numerosos cestos com pão.

Estão ali todos os nossos mantimentos.

A Estrela do Mar

Então, como comandante do barco, dirijo aos meus jovens uma breve proclamação:

— Maria é a Estrela do Mar! Ela não abandona aqueles que A invocam. Coloquemo-nos debaixo do seu manto. Ela nos livrará dos perigos e nos conduzirá ao porto da salvação.

Abandonámos então à sorte das ondas a jangada, que vogava admiravelmente.

Levanta-se, porém, o vento e obriga-a a uma velocidade vertiginosa, pelo que temos de nos segurar uns aos outros para não cairmos.

Num instante, ela percorre um grande percurso; depois, pára bruscamente e começa a rodar sobre si mesma com uma rapidez espantosa. Ninguém duvida que chegou a nossa última hora. Mas não... Uma ventania violenta arranca-a daquele turbilhão e ela retoma plácidamente o seu curso, para acostar às margens duma ilha, que surgiu do mar como uma colina.

Alguns jovens, sem licença de ninguém, saltam alegremente em terra com o pretexto que Deus fez o homem para viver na terra e não na água. Nesse mesmo momento, uma violenta tempestade se desencadeia e vagas alterosas caem sobre as margens, e arrastam os nossos jovens que lá estavam e os fazem desaparecer para sempre. Uma vez mais se justifica o provérbio: «Quando a cabeça não governa, o corpo é quem paga».

A nossa barca, tomada de novo pela violência das ondas, ameaça naufragar. Os jovens estão pálidos de susto. «Coragem, meus rapazes, grito-lhes; Nossa Senhora não nos abandonará!»

O poder da oração

Depois, todos juntos, ajoelhados, rezámos os actos de fé, esperança, caridade e de contrição, alguns Pai-Nossos e Avè-Marias, e terminámos pela Salvè-Rainha.

Durante este tempo, apesar do perigo, alguns estouvados ficam de pé, e passeiam troçando dos seus companheiros que rezam. Mas eis que a barca pára e começa de novo a girar sobre si mesma. Sopra uma ventania impetuosa e lança-os à água, em número duns trinta. Entoámos a Salvè-Rainha e mais do que nunca invocámos Maria, a Estrela do Mar. De repente, voltou a calmaria e a jangada retomou a sua marcha incerta.

Entretanto, a bordo, a agitação continua. Alguns imprudentes debruçam-se demasiadamente e tombam à água. Outros, atrevidos e cruéis, empurram os companheiros para os bordos da jangada e com o ombro atiram-nos à água. Os padres apressam-se a amarrar a fortes canas grossos cordéis com enormes anzóis, e esforçam-se por pescar de novo aqueles infelizes. Quando os jovens caem, logo as canas se abaixam: os náufragos agarram-se aos

anzóis ou são apanhados pela cintura ou pela roupa, e assim os trazem para bordo.

Terminado este seu trabalho de pesca, os padres colocam-se dos lados da jangada, para impedir que os jovens se aproximem demasiadamente da água.

Quanto a mim, encontrava-me no meio da embarcação, perto do mastro, cercado de um grande número de meninos e de Padres que executavam as minhas ordens. Enquanto eles me obedecem, tudo corre bem: uma tranquilidade alegre e segura reina a bordo. Mas muitos começaram a achar a viagem muito longa, nesta jangada sem conforto. Queixam-se também dos inconvenientes e dos perigos da travessia. Discutem acerca do lugar onde poderíamos aportar, encaram a possibilidade de encontrar um outro refúgio mais seguro e interrogam-se com ansiedade se os víveres não irão acabar depressa. Em vão eu me esforço para lhes falar à razão. Sistemáticamente, recusam-se a obedecer-me e contrariam todas as minhas decisões.

Os desertores

Outras jangadas surgem do horizonte. Sem dúvida nenhuma, navegam em direcção oposta à nossa. Efectivamente, aproximam-se de nós com toda a rapidez. Os descontentes decidem então deixar-me e subir para elas.

Com este intento, lançam à água tábuas e outros objectos flutuantes para se segurarem, e afastam-se ao encontro das jangadas salvadoras. A sua tentativa frustra-se lamentavelmente. O vento sopra e as ondas encapelam-se furiosamente. Alguns já foram engolidos. Outros estão envolvidos pelas espirais do turbilhão e não tardam a desaparecer nas profundezas. Outros ainda chocam com escolhos e afogam-se. As jangadas recolhem apenas um pequeno número, mas por sua vez naufragam também. Desce a noite, uma noite escura e sinistra, atravessada pelos gritos angustiados dos náufragos, que perecem todos.

«In mari mundi submergentur omnes illi quos non suscipit navis ista»; isto é, todos aqueles que não seguem no barco da Santíssima Virgem, todos perecerão no oceano do mundo.

Ainda que o número dos jovens tenha diminuído muitíssimo, eu conservo, apesar de tudo, toda a confiança em Nossa Senhora.

As vítimas do mundo

De manhã cedo, entrámos finalmente numa passagem muito estreita, entre duas margens lamacentas e cobertas de relva, onde se viam espalhadas aqui e ali pedras, estacas, destroços de pranchas, lenha e ramos. Num instante, enormes aranhas, sapos, serpentes, dragões, crocodilos, tubarões, víboras e outros animais hediondos cercam a jangada. Gatos enormes devoram carne humana. Muitos macacos suspendem-se dos ramos das árvores e à passagem procuram arranhar os meninos, que não têm outro recurso para escaparem às suas arremetidas senão estendendo-se no fundo do barco.

Com grande surpresa nossa, deparámos neste lugar com os cadáveres dos desertores lançados pelas vagas. A maior parte deles têm os membros feridos pelas arestas vivas dos escolhos, sobre os quais

as vagas os arremessaram; alguns estão enterrados na lama até meio; aqui, um emerge do lodo; mais longe, um braço levanta-se para o Céu.

De repente, um jovem solta um grito. Aterrado, volto-me e vejo um monstro que devora um tal e um tal, que eu bem conheço...

O sexto e sétimo mandamentos

Entretanto, continuámos a avançar e um outro espectáculo se depara aos nossos olhos. A pequena distância, divisa-se uma fornalha gigantesca, na qual, confusamente, arrastadas por chamas ardentes, sobem e descem formas humanas, pés, pernas, braços, mãos, cabeças. Reconheço alunos meus e fico terrificado.

Sobre uma espécie de tampa que fecha a fornalha, leio estas palavras:

«O sexto e o sétimo mandamento aqui conduzem» .

Mais longe, ergue-se outra colina, onde crescem sem ordem árvores bravias. Diviso aí um bom número de jovens que se haviam lançado à água e que eu julgava afogados.

Cheio de contentamento por os encontrar de novo, desço a terra e vou reuni-los.

Mal me aproximo deles, vejo os seus olhos, orelhas, cabelos, boca e até corações cheios de insectos e vermes que os devoram e lhes causam dores atrozes. Um deles sofre muito mais. Desejo aproximar-me; mas ele foge e esconde-se por detrás das árvores. Outros arrancam a roupa com a dor e deixam ver as serpentes que os enroscam.

A fonte da salvação

Eu mostro-lhes então uma fonte de água fresca e medicinal. Todos os que vão aí lavar-se, curam-se imediatamente.

A maior parte daqueles infelizes obedecem ao meu convite. Alguns, porém, recusam-se. E sem me demorar mais tempo neste lugar, retomo a jangada na companhia daqueles que se curaram.

Mal embarcaram, logo o vento se levanta e nos faz sair deste estreito. Eis-nos de novo no oceano sem fim. Chorando a triste sorte e o fim desgraçado daqueles nossos companheiros que abandonámos

nestes sítios, tivemos a delicadeza de agradecer à nossa poderosíssima Mãe do Céu que nos preservou de tantos perigos.

Com esta intenção, entoámos o cântico «Louvemos Maria»...

E a bendita intervenção da Virgem Santíssima mais uma vez se manifesta. O vento cessa. O mar torna-se calmo. A nossa barca desliza suavemente sobre as ondas. Dir-se-ia que avança só com o impulso que lhe dão estes jovens que, sentados sobre os bordos, entretêm-se a remar com as mãos...

O arco-íris

No firmamento acende-se um arco-íris, mais belo e esplendoroso que uma aurora boreal, e que mostra escrita com letras luminosas, esta palavra: MEDOUM. Eu não compreendo à primeira. Mas, depois dum instante de reflexão, percebo que esta palavra é formada pelas iniciais de «Mater Et Domina Omnis Universi Maria» (Maria, Mãe e Rainha de todo o mundo).

Por fim, depois de longa travessia, avistámos terra no horizonte, a vista da qual

nos fez gritar de alegria. Esta terra, com seus bosques e flores oferece um panorama dos mais encantadores, envolto duma luz inefavelmente doce, toda de serenidade e paz.

A vinha e o palácio de Maria

Ainda um instante, e o barco acosta a uma praia de areia perto duma vinha magnífica. Verdadeiramente, pode dizer-se desta embarcação: «Ó Deus, Vós fizestes para nós uma ponte, para podermos, graças a ela, depois de atravessarmos as ondas deste mundo, chegar ao vosso porto de paz».

Os jovens não se contêm mais, e ardem do desejo de comer uvas.

Alguns até, mais impulsivos, lançam-se sobre a margem, mas voltam de novo para trás, lembrados do castigo sofrido pelos desobedientes.

Todos os olhos estão fixos em mim e na fisionomia dos meus jovens eu leio esta pergunta: — D. Bosco, podemos descer?

Depois de reflectir uns instantes, respon-

do: «Desçamos. Chegou a hora da libertação. Estamos salvos!»

As minhas palavras foram acolhidas por transportes de alegria inexprimíveis. Todos entram na vinha, batendo as palmas de contentes. Cachos de uvas, semelhantes àqueles da Terra Prometida, pendem até ao chão. Frutas de toda a espécie e de fino gosto permitem regalar-nos. No meio desta vinha extensa, vê-se um castelo magnífico, cercado dum jardim que é delimitado por grossos muros.

Dirigimo-nos para este palácio. Encontramos a porta aberta e entramos. Numa sala toda atapetada de ouro, uma mesa cheia de esquisitas iguarias está preparada de propósito para nós. Quando já estamos bem satisfeitos, um servo ricamente vestido, duma incomparável beleza, entra e sauda-nos com um tom afectuoso e familiar. Vendo a nossa admiração diante de tanta beleza, diz-nos: — Isto é ainda bem pouco. Vinde e vereis.

Seguimo-lo. Do alto duma varanda, fez-nos admirar as belezas do jardim. «Este jardim, diz-nos, servirá para páteo para os vossos recreios».

Depois, visitamos as diferentes salas

do palácio, todas mais belas e mais ricas umas do que as outras, pela sua arquitectura, suas colunas e sua ornamentação.

Finalmente, abre-se uma porta e entramos numa capela tão vasta, que difficilmente se podia ver o seu coro. O pavimento, as paredes e a abóbada são de mármore, prata, ouro e pedrarias.

No meio deste templo, está erecta, num rico pedestal, uma grande e magnífica estátua de Maria Auxiliadora. Eu reuno os jovens que estavam espalhados, e convidando-os a examinar as riquezas do Santuário. Depois, todos juntos, agradecemos à Virgem bendita o ter-nos protegido tão bem. Enquanto os meninos admiram a fisionomia expressiva da estátua, esta parece illuminar-se dum sorriso: «A Virgem move os olhos!» — gritam alguns. Efectivamente, Nossa Senhora fitava o seu olhar maternal sobre esta multidão de jovens.

Pouco depois, segunda exclamação: — «A Virgem move as mãos!» Lentamente, Ela abre os braços e levanta o seu manto como para nos proteger. Lágrimas de enternecimento banham-nos as faces.

«A Virgem move os lábios!» — terceira

exclamação, seguida dum profundo silêncio. A Virgem abre a boca e com uma voz argentina e cheia de suavidade, diz:

«SE VÓS FORDES PARA MIM FILHOS DEVOTOS, EU SEREI PARA VÓS UMA MÃE CARINHOSA!»

Ao ouvir estas palavras, caem todos de joelhos, cantando: Louvemos Maria!...

Este cântico uníssonu tornou-se tão terno e tão forte que eu acordei, e assim acabou a visão...

Explicação

Depois da descrição deste sonho, D. Bosco explicou:

Vede, meus queridos filhos: neste sonho, o mundo é comparado a um mar tempestuoso. Se vós fordes dóceis e obedientes às minhas palavras, se vós fugirdes das más companhias, se fizerdes o bem e lutardes contra os vossos defeitos, chegareis todos ao fim da vossa vida sobre essa praia celeste. Então a Virgem bendita virá ao nosso encontro e nos introduzirá nesse jardim delicioso do Paraíso, onde gozaremos eternamente da presença de

Deus. Mas se fizerdes o contrário do que eu vos ensino e seguirdes as vossas paixões, vós naufragareis desgraçadamente.

Eis a explicação de cada um dos pontos do sonho:

O prado: o mundo.

A água: os perigos do mundo.

A inundação: os vícios, as doutrinas anti-religiosas e as perseguições contra os bons.

O moinho: um posto isolado e tranquilo e no entanto ameaçado — A Igreja Católica.

Os cestos de pão: A Santíssima Eucaristia, que serve de alimento aos navegantes.

A jangada: o Oratório Salesiano. Pode ser também a devoção a Nossa Senhora.

O tronco da árvore: a cruz, o espírito de mortificação.

A prancha posta pelos alunos em lugar de ponte: a transgressão do regulamento.

Aqueles que se deixam pescar de novo: os que entram de novo na graça de Deus por uma Confissão bem feita.

A fonte das águas medicinais: Confissão e Comunhão.

A lama e o fogo: lugares de pecados e condenação.

A ilha feliz, o templo: a Sociedade Salesiana. Pode ser também a igreja onde praticamos os nossos deveres de piedade.

O servo ricamente vestido: Talvez Domingos Sávio. Pode ser também o nosso Anjo da Guarda.

1866 (M. B. vol. VIII; Pág. 275...)

O elefante

Em 1863, D. Bosco contou aos seus alunos o seguinte sonho:

«Era dia de grande festa. Vós, meus filhos, brincáveis no pátio, e eu entretinha-me a conversar no meu quarto com o fidalgo Valauri, senão quando minha mãe aparece, e me diz numa grande angústia:

— Anda ver, anda ver!

Da varanda observei, no meio dos alunos, um elefante dum tamanho desmedido. Tomados de medo, descemos imediatamente para o pórtico. O elefante parecia

manso e dócil. Entretinha-se com os rapazes, fazia-lhes festas com a tromba e prestava-se a todos os caprichos. Por isso, o número dos seus admiradores ia crescendo...

Todavia, a maior parte dos jovens fugiam espavoridos, procurando um lugar onde se esconderem. Não encontravam outro melhor do que a capela, para se refugiarem aí. Eu resolvi juntar-me a eles e, ao passar perto da imagem da Santíssima Virgem, toquei-lhe na ponta do manto para obter a sua protecção, e a Virgem estendeu igualmente o braço esquerdo sobre o cavaleiro Valauri, que havia imitado o meu gesto.

Bateram as horas para a devoção na capela e aí se juntaram todos. Entrei também e vi que o elefante estava de pé, junto à porta do fundo. As orações e o sermão foram seguidos da bênção do SS. Sacramento. E no momento solene da bênção eucarística, quando todas as cabeças estavam profundamente inclinadas, vi este elefante de joelhos, mas de costas voltadas para o altar.

A devoção terminara e os jogos retomaram o seu curso como antes. E também

o elefante, ao sair da capela, entrou no recreio. Mas, no mesmo momento, do lado oposto, surgiu, seguida por todos os jovens, uma bandeira com esta inscrição em grandes caracteres: «SANTA MARIA, SUCURRE MISERIS!»

Quando isto viu, o elefante tornou-se súbitamente furioso e precipitou-se sobre os alunos, com uma indescritível impetuosidade. Com a tromba tomou aqueles que estavam ao seu lado, levantou-os ao ar e arremessou-os brutalmente por terra, para os esborrachar em seguida com as suas enormes patas.

Todos fugiam em debandada: uns choravam, outros gritavam ou pediam socorro. Mas eu estava profundamente consternado ao ver certos alunos, que o elefante havia escolhido, tornarem-se seus cúmplices e trazerem-lhe novas vítimas.

Durante este tempo, a estátua de Nossa Senhora animou-se, cresceu e tomou a estatura duma grande personagem. Ela estendeu os braços e abriu o seu manto todo adornado de numerosas inscrições lavradas com arte. Este manto tomou de si mesmo proporções tais, que todos nele se podiam refugiar e terem assim a vida

salva. Desde as primeiras manifestações do perigo, que os melhores alunos aí se foram abrigar. Então ao ver com dor a multidão descuidada dos outros, a Virgem começou a gritar com todas as suas forças: — Vinde todos a Mim!

Sob o manto que se alargava sempre, o número dos alunos aumentava. Entretanto, alguns, em vez de correrem a abrigar-se, andavam por um lado e outro, e acabavam sempre por receber algumas feridas, por desprezarem os apelos angustiados que Nossa Senhora continuava a fazer ouvir.

Enquanto os jovens, que se conservavam no páteo, faziam-se de cada vez mais surdos a estes apelos, e o elefante continuava a sua carnificina.

Os alunos, que eram seus cúmplices, brandiam uns uma espada, outros duas, e impediam os seus colegas de se refugiarem debaixo do manto protector.

Mas também entre aqueles que ali se abrigavam sob o seu manto, a Virgem contava auxiliares. Estes, encorajados por Ela, efectuavam sortidas rápidas sobre o recreio, arrancavam ao elefante as suas vítimas e transportavam-nas para debaixo

do manto de Nossa Senhora, onde logo ficavam curados dos seus ferimentos. Depois, cheios de valentia, partiam de novo para novas conquistas. Armados de paus, sabiam opor-se à acção do elefante, e neutralizar a dos seus cúmplices. Com perigo da própria vida, batalhavam até que todos os seus colegas estivessem em segurança.

Por fim, o páteo estava completamente deserto. Só alguns alunos jaziam por terra meio-mortos. Dum lado do páteo, uma multidão de meninos comprimia-se debaixo do manto virginal. Do outro, uma dúzia de jovens cercava o elefante e brandia insolentemente as suas espadas. De repente, o elefante ergueu-se sobre as patas trazeiras, mudando-se num fantasma horrível com dois longos chifres, envolveu os seus cúmplices numa rede negra e, soltando um urro medonho, desapareceu no abismo que se lhe abriu debaixo dos pés e donde saía espessa fumarada.

Então, voltando-me para a Virgem Santíssima, eu li no seu rosto a fadiga dos esforços que havia feito para nos salvar a todos. Depois dum momento de silêncio, dirigiu aos alunos palavras de consolação e de esperança:

«*Qui elucidant Me, vitam aeternam habebunt*» — Aqueles que Me fizerem conhecer, terão a vida eterna.

Depois de novo silêncio, acrescentou:

«Vós que escutastes a minha voz e escapastes ao demónio, vistes o massacre dos vossos condiscípulos. Quereis saber a causa da sua perdição? *Sunt colloquia prava*. São as más conversas contra a pureza e as suas acções desonestas.

«Reparastes naqueles condiscípulos vossos, que tinham uma espada? São aqueles que trabalham para vos afastar de Mim e que já arrastaram numerosos camaradas à perdição. Mas aqueles a quem Deus espera mais tempo, mais severamente os castiga. O demónio, depois de os ter envolvido na rede, arrastou-os para a condenação eterna. Ide agora tranquilos, mas lembrai-vos das minhas recomendações. Evitai os maus companheiros, evitai as más conversas, tende em Mim uma confiança ilimitada e o meu manto será para vós um refúgio seguro».

Ditas estas palavras, a Virgem desapareceu, e eu vi de novo a minha mãe e o estandarte de Maria. Por detrás deste estandarte, todos os alunos estavam reu-

nidos em procissão e cantavam: «Louvemos Maria!»

Com isto acordei, banhado de suor. Meus filhos, eu vos repito as palavras da Virgem Santíssima: Vinde todos a Mim! Recorrei sempre a Maria e vos asseguro que sereis sempre salvos. Um bom exame de consciência vos fará conhecer se estáveis debaixo do manto ou arremessados ao ar, ou armados duma espada para ajudardes o elefante. Aqueles que foram as vítimas da fera, devem tomar a resolução de evitar as más conversas, Aqueles que desejam saber o lugar que ocupavam, não têm mais a fazer do que vir perguntar-mo e eu lho direi. Mas repito: Aqueles que entre vós fazem o jogo do demónio, devem ou mudar de vida ou deixar a casa!

(M. B. Vol. VII, 42...)

As duas colunas

«Meus filhos, eu vou contar-vos um sonho. Transportai-vos pela imaginação à borda do mar ou, melhor ainda, sobre um rochedo isolado no meio das ondas.

Sobre esta imensidade que vos rodeia, um número incalculável de navios estão armados de terríveis esporões e transportam nas suas cargas, armamento de todas as qualidades: canhões, balas, engenhos incendiários, e até livros. Todos se preparam para dar combate terrível a um outro navio maior que querem destruir. Este, majestoso e formidável, comanda toda uma esquadra de barcos que se esforça por repelir a frota inimiga. Mas ai! O mar e o vento favorecem o adversário...

No meio das vagas, dominando-as de toda a altura, elevam-se a pouca distância uma da outra duas colunas maciças. A primeira está encimada por uma estátua da Virgem Imaculada, aos pés da qual se lê esta inscrição: *Auxílio dos Cristãos*. Sobre a outra, mais elevada e mais forte, brilha a Hóstia Sacrossanta, com estas palavras: «*Salvação dos que creem*».

A situação parece bem inquietante para o navio que assume o comando geral e cujo comandante se vê ser o próprio Soberano Pontífice.

Diante da iminência do perigo, ele convoca imediatamente os pilotos das embarcações aliadas para assentarem nas

decisões a tomar. Bem depressa estão todos agrupados à sua volta; mas o vento e a tempestade redobram de fúria, mal lhes deixando tempo de abrir a sessão e logo teem de retomar o seu posto.

Alguns minutos de calma permitem-lhes uma segunda reunião, enquanto o navio segue a sua rota. Mas, por desgraça, a tempestade recomeça mais forte. O Papa, de pé no comando, esforça-se por conduzir o navio entre as duas colunas guarnecidas de âncoras, de correntes e arpéus.

Durante este tempo, os inimigos multiplicaram os seus assaltos. Os escritos, os livros, as matérias incendiárias que lançam de bordo, os canhões, as espingardas, os dardos de ferro fazem um ruído ensurdecedor, e as suas proas infernais investem furiosamente contra o navio do Papa. Mas todos os seus esforços redundam vãos. Cada novo assalto é um novo insucesso e uma perda de forças e de munições. Calmo e tranquilo, o majestoso navio pontifício continua a sua marcha.

Em dado momento, todavia, um formidável embate duma proa abre-lhe no flanco um largo e profundo golpe. Um sopro misterioso, vindo das colunas, fecha ime-

diatamente a brecha. No meio do estrondear dos canhões, do crepitar das balas e do ranger das ferragens, os barcos inimigos entrechocam-se, abrem-se, e afundam-se.

Os inimigos, furiosos, lançam-se então sobre as pontes numa luta corpo a corpo; as mãos e os punhos torcem-se na refrega, enquanto chovem blasfêmias e maldições. De repente, o próprio Papa é atingido e cai. Os seus vassallos reerguem-no, mas um segundo golpe o abate: está condenado à morte. Retine um grito de vitória. Na esquadra inimiga, exulta-se e dança-se.

Mas mal a morte do Papa é conhecida, logo o seu sucessor é eleito. Os adversários perdem o ânimo. O novo Pontífice passa através de todos os obstáculos e conduz o seu barco entre as duas colunas. Aí o prende sòlidamente: a proa, à coluna da Hóstia; a popa, à da Virgem.

Sucede agora um pânico geral, uma desordem indescritível. Todos os inimigos se põem em fuga e se dispersam. Os seus navios abalroam e quebram-se. Os que se submergem, procuram submergir os outros. Alguns barcos, que tinham lutado bravamente pelo Papa, veem também eles pren-

der-se às colunas. Outros, que longe do perigo esperavam prudentemente a vitória, seguem-lhes o exemplo. E sobre o oceano reina finalmente uma grande calma.

Significação do sonho

O barco do Papa simboliza a Igreja; aqueles que defendem o Papa são os bons católicos; os outros, são os inimigos da Igreja.

As duas colunas da salvação são a devoção a Jesus Sacramentado na Eucaristia e a Nossa Senhora Auxiliadora, que devemos praticar e espalhar à nossa volta».

(1862—M. B., Vol. VII, Pag. 169)



A alegria do monstro

Numa carta dirigida aos alunos de Lanzo, D. Bosco contou o seguinte sonho:

«A pedido vosso e dos vossos supe-

riores, eu vim fazer-vos uma visita. Chegado diante da igreja, eu divisei um monstro horrível, às gargalhadas e entretendo-se com os seus companheiros.

—Que é que tu fazes aqui?— perguntei-lhe eu espantado.

—Divirto-me. Não tenho nada que fazer.

—Como? Não tens nada que fazer? Pois será possível que tenhas tomado a resolução de não arrastar os jovens para o mal?!

—É que eu tenho na praça amigos que desempenham a minha tarefa: um bando inteiro de alunos, que estão contratados ao meu serviço e executam fielmente as minhas ordens.

—Tu mentes, Satanás. Então com tantos exercícios de piedade, leituras, sermões, confissões...

Ele olhou-me com ar trocista e fez-me sinal de o seguir.

Levou-me à sacristia, onde me mostrou o director que confessava, e disse-me:

—Estás a ver: entre estes jovens, alguns são meus inimigos. Mas muitos servem-me aqui mesmo: são aqueles que prometem e não conservam as suas reso-

luções; acusam sempre as mesmas faltas e eu me alegro muito com isso.

Em seguida, guiou-me ao dormitório e mostrou-me alguns estudantes que se portavam mal, em vez de irem à igreja assistir à missa. Levou-me ainda a outras dependências da casa onde fui testemunha de coisas inacreditáveis, que jamais ousaria escrever. Por fim, conduziu-me ao pátio, e perguntei-lhe:

— Que é que te dá mais lucro entre estes jovens?

— As conversas, as conversas! Tudo nasce daí. Cada palavra é uma semente que produz frutos maravilhosos.

— E quais são os teus maiores inimigos?

— Aqueles que comungam frequentemente.

— Que é que mais te contraria?

— Duas coisas: A DEVOÇÃO A MARIA...

E calou-se, como quem não quer continuar...

— Qual é a segunda?

Então perturbou-se, tomou o aspecto dum cão, dum gato, dum urso, dum lobo... Tão depressa tinha três chifres, como cinco, como dez... três cabeças, cinco, sete... e

tudo isto parecia quase ao mesmo tempo. Apeteceu-me fugir. No entanto, fiquei para conseguir que ele falasse.

— Quero absolutamente que me digas as coisas que tu mais receias. Eu to mando, em nome de Deus Criador.

Neste momento, o monstro e todos os seus acólitos foram tomados de convulsões estranhas e, depois de gritos tremendos, disseram:

— O que nós mais tememos é a fidelidade aos propósitos tomados na Confissão.

Depois, estes monstros desapareceram como relâmpagos, soltando urros espantosos.

(1870-1872) (M. B., Vol. X, pág. 43)



O gato e os cães

Os membros duma família, onde me parecia estar de visita, haviam decidido matar um gato. E era D. Manacorda quem devia pronunciar a sentença. Ele recusava, porém, dizendo:

— Por que é que quereis que eu me meta nesses assuntos? Isso não é nada comigo.

Uma confusão enorme reinava naquela casa. Apoiado a um bastão, eu observava silenciosamente esta cena, quando, de repente, vi surgir, em direcção a mim, um gato preto, de pelos eriçados, perseguido por dois cães que estavam já prestes a apanhá-lo. Chamei então o gato que, após uma breve hesitação, veio aninhar-se aos meus pés.

Os dois cães pararam diante de mim, rosnando surdamente.

— Ide-vos embora, disse-lhes, deixai em paz este pobre gato!

Então, com grande surpresa minha, os dois cães abriram as bocas e começaram a falar:

— O quê? Nós irmos embora?! Nunca, jamais! Nós devemos obedecer ao nosso dono. Temos ordem para matar este gato!

— E com que direito?

— Porque ele voluntariamente se pôs ao seu serviço. Um dono tem todo o direito de dispor da vida do seu escravo! Por isso, nós recebemos ordens para o matar e matá-lo-emos.

— O dono, respondi, tem direito sobre

o trabalho do seu servo mas não sobre a sua vida. Eu jamais permitirei que vós mateis este gato !

— Ah, não permite ? Então vamos a ver...

È já se preparavam com fúria para cair sobre o pobre bichano, mas eu levantei imediatamente o meu bastão e dei aos assaltantes um bom par de cacetadas.

— Então, que é isso? Alto lá! Para trás!

Mas eles, avançando e recuando, voltavam continuamente à carga. A luta prolongou-se durante algum tempo, de modo que eu já me sentia cansado.

No entanto, aproveitei dum momento de pausa para ver como estava o pobre gato, e qual não foi a minha surpresa, ao vê-lo transformado num pequeno cordeiro. Mas bem depressa desviei dele os olhos, temendo nova investida dos cães. E também eles tinham mudado de forma: haviam-se transformados em dois ursos ferozes. Depois, mudando sucessivamente de aspecto, metamorfosearam-se em tigres, leões, macacos... Por fim, apresentaram-se sob a forma de dois demónios horríveis...

— Lúçifer é o nosso dono, urravam eles. Esse que tu proteges, entregou-se a

ele. Por isso, nós lho devemos levar, depois de lhe havermos tirado a vida.

Olhei então para o cordeiro, que tinha desaparecido, deixando em seu lugar um desgraçado menino, todo trémulo, que não cessava de repetir em tom suplicante:

— D. Bosco, salve-me! B. Bosco, salve-me!

— Não tenhas medo, disse-lhe. Estás bem resolvido a tornar-te melhor?

— Oh, sim, D. Bosco, oh, sim! Mas que devo fazer para me salvar?

— Ajoelha, não receies nada. Toma esta medalha de Nossa Senhora e reza comigo.

O pobre desgraçadinho pôs-se de joelhos. Os demónios queriam apoderar-se dele, mas eu mantive o meu bastão erguido.

Neste momento, acordaram-me, e eu não pude ver o final desta cena comovedora. Mas o tal menino, eu conheço-o muito bem.

(1878 — M. B. Vol. XIII, Pag. 548)

Os Presentes para a Rainha

Em 1865, D. Bosco contou o seguinte sonho:

«Eu vi um grande altar magnificamente adornado e dedicado a Maria, em direcção ao qual seguiam em procissão os jovens do Oratório. Cantavam todos o mesmo hino de louvores à Virgem, mas de modo muito diferente uns dos outros. A voz rachada, pelo nariz, e até mesmo desafinada de alguns contrastava com a voz harmoniosa e mais ou menos timbrada de outros. Alguns marchavam em silêncio, vários bocejavam aborrecidos, enquanto outros davam encontrões e rebentavam de riso.

Todos estes jovens levavam nas mãos os presentes que queriam oferecer à Santíssima Virgem. A maior parte apresentava um ramo mais ou menos grande de flores variadas, frescas e apreciadas: rosas, violetas, girassóis, etc. Alguns traziam dádivas bem estranhas: uma cabeça de porco, um gato, um prato de sapos, um coelho, um cordeiro.

Diante do altar, estava um lindo jovem com asas, o Anjo da Guarda do Oratório

sem dúvida, encarregado de receber os presentes dos meninos e depô-los sobre o altar.

Os primeiros apresentavam os seus magníficos ramos e o Anjo recebeu-os com satisfação. Depois apareceram alguns ramos mais ou menos murchos. O Anjo olhava o ramo, desfazia-o, tirava as flores sem viço e colocava-o depois no altar. Fez depois o mesmo com outros ramos, tirando as flores sem aroma: dalias, camélias e outras, porque Nossa Senhora não se contenta com aparências, mas quer realidades. Teve o cuidado também de limpar todos os espinhos e até pregos que havia em alguns ramos.

Então apresentou-se aquele que levava a cabeça de porco.

— Como, diz-lhe o Anjo com indignação, tu tens o atrevimento de vir oferecer à Virgem Santíssima um tal presente? Não sabes que esta cabeça representa o vício impuro, o vício que Maria Imaculada aborrece mais do que todos? Vamos, retira-te, porque não és digno de estar na minha presença.

Chegaram seguidamente aqueles que

traziam um gato. Com a mesma severidade, o Anjo os increpou:

— Que loucura ! Oferecer a Nossa Senhora um gato, o gato que é símbolo do roubo ! — E afastou-os também.

Depois, apresentaram-se aqueles que levavam pratos de sapos. O Anjo fitou-os com desgosto e disse-lhes:

— Os sapos representam os horrorosos pecados do escândalo e vós ousais oferecê-los a Maria ? Para trás ! Retirai vos !

Seguiram-se então alguns jovens com uma faca cravada no coração: símbolo do sacrilégio.

— Não vedes que trazeis a morte na alma?—grita-lhes o Anjo.—Se ainda estais vivos, devei-lo à misericórdia infinita de Deus, sem a qual estaríeis perdidos. Por favor: tratai de mandar arrancar depressa essa faca!

E estes foram igualmente rejeitados.

Por fim, outros jovens se apresentaram oferecendo um cordeiro, um coelho, um peixe, nozes, uvas, etc., e o Anjo aceitou os seus presentes e colocou-os sobre o altar.

Depois de haver assim separado os bons dos maus, o Anjo mandou enfileirar

diante do altar todos aqueles cujas ofertas haviam sido agradáveis a Nossa Senhora. E, com minha grande dor, os que haviam sido afastados foram em maior número do que eu julgava.

Nesta altura, de cada lado do altar, apareceram dois outros Anjos, trazendo cestos cheios de coroas de rosas magníficas, mas artificiais, para simbolizarem a imortalidade. O primeiro Anjo tomava essas coroas uma a uma, e com elas cingia a fronte de cada um dos jovens prostrados diante do altar.

Coisa supreendente: as mais lindas coroas foram dadas àqueles jovens de rosto menos gracioso, o que prova que o dom da sua virtude da pureza era infinitamente mais agradável do que o seu exterior. Muitos tinham-se distinguido na prática doutras virtudes, como a obediência, a humildade, o amor de Deus; mas todos receberam a coroa da sua virtude.

Terminada a distribuição das coroas, o Anjo dirigiu-lhes algumas palavras:

«A Virgem Santíssima, hoje, quis que vós fôsseis coroados com estas belas rosas. Procedei de modo que nunca deixeis que vos arrebatem esta coroa, mas procurai

guardá-la cuidadosamente. Para isso, três meios tendes à vossa disposição: Humildade, obediência, castidade, três virtudes que vos tornarão agradáveis a Maria, e vos merecerão uma coroa infinitamente mais bela do que esta.»

Os jovens entoaram então o *Ave Maris Stella*. Depois, acabada a primeira estofe, puseram-se em procissão pela mesma ordem com que haviam chegado, cantando o hino: «Louvemos Maria!» Eu segui-os durante algum tempo, para voltar em seguida pelo mesmo caminho à procura dos jovens que o anjo tinha repellido: mas não os vi mais; haviam desaparecido.

Meus queridos amigos: eu conheço aqueles dentre vós que foram coroados e também aqueles que foram mantidos a distância pelo Anjo. Eu poderei dizê-lo a cada um em particular, a fim de que vós vos disponhais a oferecer a Nossa Senhora presentes mais dignos d'Ela.

Eis aqui algumas explicações sobre o significado deste sonho:

Os espinhos são as desobediências ao regulamento do Colégio; os pregos são as indelidadezas, os pequenos furtos, as satis-

fações do corpo, tudo faltas que pouco a pouco conduzem ao pecado mortal.

As flores murchas representam as acções feitas em estado de pecado mortal: não têm mérito.

As flores sem aroma são as acções feitas para serem vistas pelos homens e por ambição.

(M. B. Vol. VIII, Pag. 129)

A DEVOÇÃO A NOSSA SENHORA

A devoção a Nossa Senhora é o distintivo da verdadeira religião, que não pode separar o Divino Filho, Jesus Cristo, de sua Mãe Santíssima e Imaculada, e que acompanha a Igreja Católica desde os tempos apostólicos; e é o distintivo da Nação Portuguesa, chamada «Terra de Santa Maria», da qual Nossa Senhora é Rainha e Padroeira.

Verdadeiros e falsos devotos — Segundo São Grignon de Monfort, a verdadeira devoção a Nossa Senhora é interior, terna, santa, constante, desinteressada; e os falsos devotos são os críticos, os escrupulosos (ou sejam os que receiam desonrar o Filho honrando a Mãe), os exteriores, os presunçosos, os inconstantes, os hipócritas, os interesseiros.

Práticas de devoção — Entre as práticas de devoção Mariana, recomendam-se: 1) O

Santo Rosário ou Terço: «Todos aqueles que se Me recomendarem por intermédio do Meu Rosário não se condenarão eternamente» (Nossa Senhora a Santo Alano de la Rocha). «O Rosário é a arma com que se podem vencer, espancar e destruir todos os demónios do Inferno» (D. Bosco). 2) *O Escapulário do Carmo:* «Todo o que morrer com este Escapulário será preservado do fogo eterno; é, pois, um sinal de salvação, uma defesa dos perigos e um penhor da minha especial protecção» (Nossa Senhora a S. Simão Stock, em 16-7-1651). 3) *A Ave Maria:* A prática diária das Três Ave-Marias, ao levantar, ao Toque das Trindades, ao deitar, é recomendada por todos os Santos, como penhor duma especial protecção da Virgem Santíssima na vida, nos perigos, nas doenças, nas tentações e na hora da morte «Amam e rezam exultantes a Ave-Maria aqueles que apresentam sinais de predestinação, e quanto mais são de Deus, mais A estremecem» (S. Grignon de Monfort). «Antes de começar qualquer empresa, rezo uma Ave-Maria» (D. Bosco). 4) *Acto de escravidão a Maria,* que se aconselha a fazer com a aprovação do Director Espiritual. 5) *O uso da Medalha Milagrosa:* «As pessoas que a trouxerem, receberão grandes graças. As graças

serão abundantes para as pessoas que tiverem confiança» (Nossa Senhora a Santa Catarina Labouré, em 27-11-1830). 6) *As Associações de Nossa Senhora*, dentre as quais mencionamos as Congregações Marianas, a arquiconfraria dos Devotos de Nossa Senhora Auxiliadora e a Legião de Maria.

Espírito desta devoção — Amar, honrar, imitar esta Mãe com uma vida cristã de cada vez mais fervorosa e pura e santa. «Para obter os sufrágios das suas preces, não olvideis os exemplos da sua vida» (S. Bernardo). As palavras desta Mãe Celeste são mandamentos para os seus devotos: «Fazei tudo o que o Meu Filho vos disser» (S. João, II, 5), isto é, praticai os mandamentos; «Não ofendam mais a Nosso Senhor que já está tão ofendido» (Nossa Senhora em Fátima, a 13-10-1917); «Eu sou a Imaculada» (Lourdes, 1851); a «Cheia de Graça» (Arcanjo S. Gabriel) — quero portanto os meus filhos na graça divina, e para isso fazei sempre bem e com frequência as vossas Confissões; «Ide a Jesus», isto é, comungai frequentemente; «Para a glória de Maria, ide a Jesus Hóstia» (Padre Matéo).

Coração Imaculado e Doloroso — Ela disse em Fátima: «Vistes o Inferno, para onde

vão as almas dos pobres pecadores; para as salvar, Deus quer estabelecer no mundo a devoção ao meu Imaculado Coração» (13-7-1917). Esta devoção manifesta-se: I) — Confessando-se, comungando, rezando o Terço e meditando, durante um quarto de hora, sobre os mistérios do Rosário, com o fim de desagravar Nossa Senhora, no primeiro sábado de 5 meses seguidos, ganhando assim a sua promessa de salvação; II) — Consagrando a família ao seu Coração Imaculado, entronizando a sua imagem no lar.

Confiança — «Seremos insuficientes devotos de Maria se a nossa confiança nEla nada tiver de entusiasta» (D. Chautard). «Se Maria é por nós, quem contra nós? » (Santo António). «Os demónios temem a tal ponto a Rainha do Céu que, ao proferir-se o seu sagrado nome, fogem de quem o profere como do fogo que abrasa» (Tomás de Kémpis). «Em defesa dos seus servos moribundos, Maria manda o príncipe S. Miguel com todos os Anjos para que vão imediatamente defendê-los das investidas dos demónios e receber as almas de todos os que especialmente a Ela se têm continuamente recomendado» (S. Boaventura).

Colecção «HAJA LUZ»

- AI DE TI, por Salesianus (*Vol. de 32 páginas; 2.^a edição*).
- AO SOM DO JAZE, por Salesianus (*36 págs., 2.^a edição*).
- APELOS, por Gabriel Bosco.
- CILADA FATAL, Gabriel Bosco (*32 páginas*).
- DE PÉ, por Salesianus (*Vol. de 54 páginas; 3.^a edição*).
- DOUTRINA DESCONHECIDA
- ELES OU TU? por Salesianus (*Vol. de 32 pág.; 2.^a edição*).
- ENTREVISTA, por Salesianus (*Vol. de 44 pág.; 3.^a edi.*).
- ESCADA DA GLÓRIA, por Gabriel Bosco (*40 págs.*).
- EU CREIO, por A. M. A. (*Vol. de 36 páginas; 2.^a edição*).
- FATIMA, por Abbé R. Payrière (*Vol. de 36 pág.; 3.^a edi.*).
- FIM DO MUNDO, por Salesianus (*Vol. de 32 pág.; 2.^a edi.*).
- GRANDE BATALHA, por Salesianus (*Vol. de 52 páginas; 2.^a edição*).
- GUIA DOS MEUS PASSOS, por Salesianus (*32 págs.*).
- HORA DO ESPÍRITO SANTO, por Gabriel Bosco, S. D. B.
- LIVRO DAS SORTES, por Salesianus (*Vol. de 44 pág.; 2.^a edição*).
- MULHER, por M. S. (*Vol. de 32 páginas; 2.^a edição*).
- OPERÁRIO, por A. M. (*Vol. de 36 páginas; 2.^a edição*).
- PÃO, por Bertetto, S. D. B. (*Vol. de 32 páginas*).
- PARA... ESCUTA..., por Salesianus (*Vol. de 32 páginas; 2.^a edição*).
- SIM OU NÃO? O INFERNO EXISTE? por Salesianus (*Vol. de 32 páginas; 2.^a edição*).
- TASCA, por Salesianus (*Vol. de 36 páginas*).
- VEM... QUERO SALVAR-TE, por Salesianus (*Vol. de 36 páginas; 2.^a edição*).